

AS TROVAS DE GONÇALO ANES BANDARRA,
SAPATEIRO DE TRANCOSO

LEANDRO HENRIQUE MAGALHÃES



Gonçalo Annes Bandarra foi um sapateiro que viveu em Trancoso, pequena cidade comercial da região da Beira, no início do século XVI, e que, posteriormente, foi identificado como o fundador do sebastianismo e profeta da Restauração Portuguesa (cf. Azevedo, 1958). Nasceu por volta de 1500 e, a partir de 1541, data da realização do auto inquisitorial pelo qual foi condenado, não se tem mais informações sobre ele. Alguns, como António Machado Pires, acreditam que tenha morrido por volta de 1556, enquanto D. João de Castro estabelece 1560 como o ano de sua morte (cf. Castro, 1603, p. 02).

Por meio da leitura das Escrituras Sagradas e de sua prodigiosa memória, Bandarra adquiriu fama em sua cidade, sendo considerado uma espécie de Rabi local, interpretando a Bíblia e suas profecias para os cristãos-novos da região¹. Escreveu suas Trovas nas primeiras décadas dos quinhentos e, de acordo com seus autos, aquelas já em 1531 eram lidas em Lisboa (cf. Bandarra, 1996, Fólio 01, versos 19-22), tendo grande inserção junto aos cristãos-novos, principalmente pelo seu apelo profético e messiânico, já que muitos conversos esperavam para o século XVI a vinda do messias (cf. Sérgio, 1980).

Bandarra foi perseguido e detido pela Inquisição, em 1541, mas recebeu penas leves, por não se ter conseguido provar nenhuma ascendência judaica, a despeito de sua intensa relação com os conversos (cf. Saraiva, 1992).

Apesar da condenação inquisitorial, que proibiu a posse e divulgação das Trovas, os escritos de Bandarra tiveram boa aceitação em Portugal, essencialmente pela convivência entre cristãos-novos e velhos, pois afirmavam que todos os povos caminhariam em direção a uma única fé, liderados por um rei português. Segundo indicações de seus autos, as Trovas só foram compiladas em 1537 ou 1538, por Heitor Lopes, tosedor converso de Trancoso, sendo um dos manuscritos adquirido por Afonso de Medina, Desembargador da Mesa de Consciência do Santo Ofício, o que causou início ao processo inquisitorial (cf. Bandarra, 1996, Fólio 03, versos 20-34).

A forma de expressão escolhida por Bandarra, as Trovas, merece atenção, tendo em vista as especificidades que este tipo de apresentação pode ter. Segundo Massaud Moisés, as trovas portuguesas tinham influência da literatura arábica, latina medieval, da liturgia cristão e de elementos populares. Inicialmente, os poemas eram cantados e acompanhados de música, sendo de dois estilos: as trovas amorosas e as satíricas. Estas, por sua vez, dividiam-se em de escárnio e de maldizer, sendo que nas de escárnio, era comum o uso de palavras encobertas, abrindo espaço para duplo entendimento, elemento que se mantém nas obras do século XVI, em especial na de Bandarra (Moisés, 1997, p.502).

As trovas eram, a princípio, transmitidas oralmente, sendo que, em alguns casos, eram transcritas em cadernos de apontamentos e, mais tarde, nos chamados cancioneiros, coletâneas de canções, geralmente patrocinadas pelo rei. O trovadorismo sofreu influência, e também concorrência, das novelas de cavalaria, que valorizavam a prosa e a leitura, ao invés do canto.

É bem provável que as Trovas de Bandarra fossem lidas em voz alta, já que o costume de se cantar os versos já havia se

perdido no século XVI. É possível também que as novelas de cavalaria tenham influenciado Bandarra, principalmente as do ciclo arturiano, bastante conhecidas em Portugal na época, fazendo parte, inclusive, da biblioteca de D. Duarte (Neves, 1990, p.134), com destaque para os livros “História de Merlim”, “José de Arimatéia” e “A Descoberta do Santo Gral”.

Nestas obras, há referências sobre a busca da comunhão do homem com o sabrenatural, sendo que apenas um dos cavaleiros do rei Arthur alcança tal feito: Galarz, o escolhido, nome que significa o puro dos puros, ou o messias (cf. Moisés, 1973, p. 23-35). Tais referências são encontradas não apenas em Bandarra, mas em autores de sua época, como João de Barros que, na sua “Crônica do Imperador Clarimundo”, intercala prosa com trovas em uma obra que se caracteriza como novela de cavalaria, o que demonstra a influência destes elementos na época (cf. Barros, 1953).

No século XV, as temáticas começaram a ganhar novo corpo, principalmente com o processo de expansão ultramarina, iniciada por D. Henrique, que ganhou proporção no reinado de D. João II, e com a necessidade de reafirmação da identidade nacional portuguesa, que Massaud Moisés identifica como elemento do humanismo lusitano (cf. Moisés, 1973, p. 23-35).

Outros fatores entram em cena, como a história, que gira em torno do rei, e a inserção gradativa das massas populares, elementos que ganham importância no reino e que estarão presentes ainda no século XVI, sejam nas obras de Gil Vicente, D. João de Castro, Camões ou Bandarra, aliando tais temáticas a aspectos místicos e religiosos.

Será nos reinados de D. João II e D. Manuel que virão a público os chamados Cancioneiros Gerais, no mesmo momento em que há um divórcio entre a poesia e música nas trovas, quando o ritmo passa a ser dado pelas rimas, e não mais pelo canto. Um dos mais importantes cancioneiros gerais é o de Garcia Resende, que intercala trovas de caráter histórico e escatológicos com as amorosas, além de encontrarmos referências a outras que, assim como as de Bandarra, tratam da perda dos valores sofrida pelo reino:

TROVAS QUE FEZ DUARTE DA GAMA S
DESORDENS QUE AGORA SE COSTUMAM EM
PORTUGAL

Nam sei quem possa viver
neste reino já contente
pois a desordem na gente
nam quer leixar de crescer
A qual vai tam sem medida
que se nam possa ter
boa vida.

Uns vejo casas fazer
e falar por antre-soilos
que creio que têm mais doilos
do qu' eu tenho de comer.
Outros guarda-roupa, quartos
tmbm vejo nomear
que já deviam d'estar
disso farto.

(...)
Os desvairados vestidos,
que se mudam cada dia,
nom vejo nenhua via
para serem comedidos.
Que se galante traz
um vestido que'ele corte,
qualquer homem d'outra sorte
outro faz.

Porque, como fez Foão
um capuz muito comprido,
polo reino foi sabido,
todos dam já pelo chão.
Quem o portuges pintou
em Roma, como se diz,
foi nisso mui bom juiz,
e acertou (Rocha, 1962, p. 71-75).²

Há ainda trovas que fazem referência
 expansão ultramarina, como a dedicada a
Vasco da Gama, intitulada "De Joam Roiz de
S, Decrarando Alguns Escudos D'armas"
(Rocha, 1962, p. 32-34) ou que tratam da
morte de D. João II e da ascensão de D.
Manuel, como esta:

LAMENTAAM A MORTE DEL-REI DOM JOAM,
QUE SANTA GRRIA HAJA, FEITA PER LUÍS
ANRIQUES

Chorai, Portugueses, o tam vertuoso
rei dom Joam, o segundo, que vistes,
tornai-vos de ledos a ser muito tristes,
pois de vs outros partiu desejoso.
Nom menos vos lembre o mui animoso
prncepe, filho daqueste defunto;

sas mortes e perdas chorai tudo junto,
nom menos as madre do triste repouso.
(...)

Est' o mui alto e mui perflugente,
mui serenssimo rei e senhor
Dom Manuel, de tanto louvor,
a quem em vertudes Deus sempre
acrecente!

Est'  o filho do mui eicelente
Infante Fernando de crara memória,
 o bisneto do rei que vitrea
houve per vezes de mui prepotente (Rocha,
1962, p. 32-34).

 possível que Bandarra tenha tido
acesso a algumas destas trovas, seja pela
coincidência de temáticas tratadas, seja pela
nomeação de um personagem, no Sonho
Primeiro, como Pastor Garcia, numa provável
referência ao compilador do Cancioneiro
Geral:

XXVI

E depois um estrangeiro,
E Rodoo que esquecia,
E o nobre pastor Garcia,
E André mui verdadeiro:
Entrarão com alegria.

Ou seja, ainda no século XVI, as
trovas, como expressão literária, estavam
presentes no reino, com temáticas próximas
s apresentadas nas Trovas de Bandarra, o
que pode ter facilitado sua inserção tanto
junto às classes populares como  elite
lusitana, pois, como demonstrado por
Massaud Moisés, as trovas, em sua origem,
eram dirigidas a uma intelectualidade
aristocrática, sendo denominada, muitas
vezes, de cantigas. Essa característica vai
desaparecendo nos séculos XV e XVI, além
de tomar uma conotação popular, ao ser
denominada de quadrinhas (Moisés, 1997,
p.503), porém sem se desvincular totalmente
da elite lusitana, pois, além da forma, o autor
das Trovas respondia a algumas de suas
expectativas, como a expansão do reino, a
conversão dos povos e a formação de um
império universal.

Este  o caso de Bandarra, que se
utiliza deste formato para apresentar suas
concepções acerca de temáticas relevantes
para Portugal, como a expansão ultramarina,





a guerra contra os mouros e o processo de centralização por qual passava o reino. No entanto, uma problemática deve ser colocada: até que ponto sua posição social interfere na aceitação de seus escritos, primeiramente em Trancoso, e depois em Portugal. Devemos ressaltar aqui o fato de que fora acusado de descendência judaica, embora nunca fosse provado, além de ser sapateiro. Esta posição era, num primeiro momento, considerada negativa, pois para alcançar a nobreza e cargos e honras, havia a necessidade da pureza do sangue e da inexistência de defeitos mecânicos, ou seja, que não realizasse atividades manuais (Lipiner, 1993, p. 28). No entanto, consideramos que esse lugar social favoreceu a aceitação da sua obra, tanto na comunidade em que vivia quanto nas posteriores releituras que foram realizadas de suas Trovas.



El-Rei D. Sebastião

Apesar de a profissão de sapateiro garantir lugar de destaque para Bandarra em sua vila, o mesmo não ocorria em relação à elite portuguesa, que considerava os sapateiros pessoas de baixa posição, pois não deixavam de exercer um ofício mecânico, situação que causava constrangimento aos leitores de sua obra e a necessidade de se justificar. Na maioria das vezes partia-se da crença da humildade do profeta, pois era costume de Deus utilizar-se de instrumentos imperfeitos para revelar seus desígnios, segundo o Evangelho de São Mateus (Lipiner, 1993, p.20): “Eu te bendigo, pai, senhor do céu e da terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequenos” (Mateus 11, 25).



Antonio Vieira, que considerava a obra de Bandarra como escrito profético, tendo utilizado-a como instrumento para justificar a subida ao trono de D. João IV (Magalhães, 2000), afirmava que era comum Deus utilizar-se dos mais simples para revelar sua palavra. Assim fizera com Seu próprio filho, que era carpinteiro, e com os apóstolos que o seguiram, em sua maioria pescadores, e com São Paulo, que era sapateiro (Vieira, 1957, p.152-157). Vieira alegava ainda que Deus inspirara as profecias de Bandarra, e não seu estilo, o que justificava o uso de palavras simples e toscas, com metáforas baixas para tratar de algo tão grande, como o estabelecimento do reino de Deus na Terra. Nas palavras de Vieira:

Os humildes e desprezados do mundo são os escolhidos de Deus, e os que mais chega a si e os que só trata familiarmente. Enquanto Moisés foi grande e vivia no Paço do Faraó não teve revelações do céu; mas depois que guardava as ovelhas de Jetro nos desertos de Madian, então lhe apareceu Deus em graça (...). Toda a enchente de sabedoria divina, como diz o texto sagrado, habita em Cristo, e este Cristo quando veio a este mundo, escolheu, para habitar, a casa de um oficial, São Paulo, que foi arrebatado ao 3º. céu. E se lhe revelarão lá os maiores mistérios, era oficial mecânico (Vieira, 1957, p. 156).

Também D. João de Castro, o primeiro a publicar trechos das trovas, obra fundamental para a constituição do sebastianismo, ao falar de Bandarra, lembra a escolha que Deus faz dos pequenos para anunciar ao seu povo Seus desígnios:

A quem Deos, que nada se despreza de pequenos, escolheu, dandolhe dom de profecia, com que profetizou a conquista da Casa Sancta, & de toda a terra: auniversal promulgaçam do Evangelho por toda ella: o triumpho universal da cristandade de todos inimigos da igreja. Prometendo a El-Rey Dom Sebastiam & ao seu reyno de Portugal a melhor parte. Falla altissimos mysterios do dito senhor, dos seus, de estrangeiros, & da paz & liga geral entre os principes christaos, contra os infieis (Castro, 1603, p.02).

São freqüentes as referências bíblicas sobre a humildade do profeta, como a que aparece em Isaías, 53, quando diz que muitos duvidariam do enviado por ser pobre e não possuir riquezas, ou nas profecias de Daniel, sobre o Quinto Império, onde afirma que Deus daria o Seu reino até para o mais humilde de Seus súditos (cf. Lipiner, 1993, p.51). Neste caso, Ele utilizava elementos imperfeitos para revelar as obras perfeitas, o que favorecia a aceitação, por parte de letrados, da obra de Bandarra, cheio de graça e ouvido por gente humilde e letrada (cf. Azevedo, 1958, p.10). Só um homem com este perfil poderia interpretar a Bíblia e dizer coisas profundas.

Justifica-se a confusão entre os mesterais, em especial os sapateiros, com o profeta ou até mesmo o messias, como no caso de Luís Dias, alfaiate de Setúbal, considerado por muitos como messias e confundido com sapateiro por D. Henrique, em carta enviada a Roma. O próprio afirmava possuir sabedoria divina, fazendo referências bíblicas sobre a humildade do messias (cf. Lipiner, 1993, p.51). Além disso, consideremos que muitos foram os sapateiros com fortes vínculos religiosos (cf. Neves, 1990, p.40), como o Rabi Hanina e Rabi Oshayah, santos preferidos por Deus, segundo o Talmu, o pai de Matusalém, Enoque, São Cipriano e São Crispim, segundo a hagiografia cristã (cf. Hermann, 1998, p.48).

O fato de ser confundido com judeu e ser sapateiro embarça os leitores de Bandarra que, entretanto, não escondia sua profissão, mas a destacava, fazendo comparações e utilizando metáfora próprias do seu ofício. Na Introdução das Trovas, Bandarra ao mesmo tempo exalta sua sabedoria e adverte sobre a degeneração do mundo, à medida que um sapateiro saberia mais do que nobres e religiosos. Na citação a seguir, Bandarra afirma que assim como os Bacharéis e Procuradores, ele também era oficial, porém seu trabalho era realizado com melhor qualidade:

V

Também sou oficial
Sei um pouco de cortiça

Não vejo fazer justiça
A todo o mundo em geral.

VI

Que agora a cada qual
Sem letras fazem Doutores,
Vejo muitos julgadores,
Que não sabem bem, nem mal.

VII

Borzeguins para calçar
Hão-de ser de cordovães
Notários, Tabaliães
Tem o tento em apanhar.

Na passagem seguinte, Bandarra critica a nobreza lusitana, não a de sangue, mas aquela de linhagem duvidosa, formada a partir da compra dos títulos. Ele utilizando elementos de sua profissão para dar clareza às suas idéias:

XI

Há-de ser bem assentada
A obra dos chapins largos,
A linhagem dos Fidalgos
Por dinheiro é trocada.

XV

Sei também mui bem coser
Uns borzeguins Cordoveses;
Todos os trajos Franceses
Quem quer os quer já trazer.

Bandarra não nega sua profissão, dirigindo-se num primeiro momento a um público restrito, formado pela população de Trancoso, e em seguida, para aqueles que atuavam em profissões mecânicas, como é o caso do tosedor que compilou suas Trovas. Utilizava uma linguagem compatível à de seus leitores, além de destacar um elemento que dava confiabilidade à sua obra: o fato de ser sapateiro. Era importante para Bandarra identificar-se com o povo e, ao mesmo tempo, colocar-se numa posição de destaque.

T & M

Texto recebido em agosto de 2004.
Aprovado para publicação em outubro de 2004.



**NOTAS:**

1. Tal fato pode ser confirmado pela seguinte passagem de seus autos, quando Bandarra afirma que era procurado pelos cristãos novos de Trancoso: "(...) e disse que era verdade que todos os cristãos novos / de Trancoso lhe perguntavam pela / declaração de suas Trovas e ele / lhes declarava e amostrava e as / glosas dela e que quando viram / a grosa não curavam mais de lhe / perguntar delas nada". (Bandarra, 1996, Fólio 03, versos 21-27).

2. Em nota de rodapé, aparece a observação: Foão = fulano.

SOBRE O AUTOR:

Leandro Henrique Magalhães é Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Professor do Centro Universitário Filadélfia – UniFil, onde atua também como coordenador de pesquisas e publicações científicas. Professor da Faculdade Norte Paranaense. Diretor de Assuntos Educacionais do Sindicato dos Professores de Escolas Particulares de Londrina. Autor do livro *Olhares sobre a colônia: Vieira e os índios* (Editora da Universidade Estadual de Londrina). Endereço eletrônico: leanmaga@bol.com.br.

**FONTES**

BARROS, João de. *Crônica do Imperador Clarimundo*. Lisboa: Sá da Costa, 1953.

CASTRO, D. Iom. *Paraphrase et Concordancia de Alguas Propheçias de Bandarra, Çapateiro de Trancoso*, 1603.

ROCHA, André Grabbé (sel.). *O Cancioneiro Geral*. Lisboa: Verbo, 1962.

VIEIRA, Padre Antonio. *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*. 2 tomos. Bahia: Progresso, 1957.

BANDARRA, Annes. *Processo de Gonçalo Annes Bandarra - No. 7197 - Pasta 08*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Decifração Paleográfica de Arnaldo da Soledade. Câmara Municipal de Trancoso, 1996 (Disponibilizado no Real Gabinete Português de Leitura).

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, João Lúcio de. *A evolução do Sebastianismo*. Lisboa: Presença, 1958.

HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado: a construção do Sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Companhias das Letras, 1998.

LIPINER, Elias. *O Sapateiro de Trancoso e o Alfaiate de Setúbal*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. *A legitimidade da Restauração Portuguesa a partir do discurso do Padre Antonio Vieira (164-1661)*. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, 2000.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1973.

—. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1997.

NEVES, Antônio da Silva. *Bandarra: o profeta de Trancoso*. Lisboa: Europa América, 1990.

SARAIVA, Antonio José. *História e utopia: estudos sobre Vieira*. Lisboa: Ministério da Educação, 1992.

SÉRGIO, Antonio. "Interpretação não romântica do sebastianismo". In; —. *Obras Completas*. Lisboa: Sá da Costa, 1980.